

CURTIR, COMENTAR E COMPARTILHAR: O INDIVÍDUO, A INTERNET E A INDÚSTRIA CULTURAL

*Luana Martins Pontes
Luís César de Souza*

INTRODUÇÃO

É evidente que o século XXI é marcado por grande avanço e desenvolvimento da microeletrônica e pela popularização da internet, proporcionando aos usuários acesso rápido e contínuo à recente novidade das redes sociais. A adesão das massas a essas tecnologias foi tão intensa que atualmente é difícil encontrar quem não interaja nesses espaços. Essa adesão é estimulada pela Indústria Cultural que, através do encantamento promovido por esses meios, aponta para a manipulação da consciência e inconsciência das pessoas. As redes permitem interação 24 horas por dia, sete dias por semana, e estão cada vez mais disponíveis a todas as camadas da sociedade, possibilitando acesso em tempo real às notícias e eventos advindos de todas as partes do mundo, por meio de computadores e smartphones. É neste lugar que os usuários podem se expressar livremente, e acaba abrindo espaço, tanto para manifestações inofensivas quanto para discursos de ódio e violência direcionados para indivíduos ou grupos.

Esse tipo de manifestação violenta vem sendo fortemente difundido em nosso cotidiano através das redes sociais, o que pode contribuir para que criemos uma certa “tolerância” à violência. Xingamentos, ameaças de extermínio e pre-

conceitos de todas as naturezas são facilmente encontrados a qualquer momento no “mundo” das redes. Desde as páginas do Facebook, passando pelo Twitter, até chegar no YouTube e no Instagram, os espaços disponibilizados aos usuários são cada vez mais diversos, mas em todos eles é possível identificar a lógica da Indústria Cultural.

Esta lógica, aliada à internet, cria a necessidade de estarmos o tempo todo em contato com esse ambiente e, quem não o faz passa a ser considerado como desatualizado, desinformado e deslocado diante da “tendência” tecnológica. Ocupando o tempo de lazer, e até mesmo tomando o tempo de trabalho, as redes sociais captam uma grande energia de seus usuários, fazendo com que as experiências passem a ser mediadas pela mesma, por meio de fotos e vídeos que retratam desde acontecimentos cotidianos até grandes conquistas pessoais, o que tem levado a uma confusão entre a vida online e a vida real.

Procurar respostas para a compreensão desse fenômeno demanda que nos esforcemos a olhar para além das explicações superficiais, isto é, precisamos olhar para a sociedade de forma crítica de modo a identificar as forças visíveis e não visíveis que podem nos ajudar a desvelar as contradições que envolvem as redes. Para tanto, um pressuposto fundamental é reconhecer que todo comportamento manifestado no particular encontra correspondência no universal, ou seja, o chamado mundo *online* é resultado do modo como os homens organizam-se em sociedade. E a sociedade em que vivemos é movida por interesses e pela economia capitalistas, os quais são permanentemente estimulados pela Indústria Cultural, que passa sensação de que estamos em um ambiente adequado para se viver. Como afirmam Horkheimer e Adorno (1985, p.118), a indústria cultural “atinge igualmente o todo e a parte. [...] O todo e o detalhe exibem os mesmos traços, na medida em que entre eles não existe nem oposição nem ligação”.

No Brasil e no mundo podemos observar que o acesso aos meios de comunicação de massa está sendo inserido à rotina dos indivíduos cada vez mais cedo, e a interação automática e frenética com as redes sociais é fortemente estimulada, fazendo com que a vida, para algumas pessoas, seja mais interessante *online* do que *offline*. Mas é justamente esta a intenção da Indústria Cultural, como nos alertaram Adorno e Horkheimer (1985): capturar a energia das pessoas e direcioná-la para o consumo exacerbado para que assim se distanciem das capacidades emancipadoras do pensamento crítico e autônomo.

Frente a essa problemática, nosso objetivo com as reflexões que se seguem é problematizar sobre eventuais efeitos que recaem sobre a formação da personalidade de indivíduos que interagem de forma desmedida e desavisada com as redes

sociais. Para isto, faremos um esforço de compreensão de conceitos importantes do ponto de vista psicológico e sociológico, procurando identificar contradições que ajudem entender se o acesso exacerbado às redes sociais contribui para a formação de personalidades mais disponíveis a discursos e manifestações de ódio.

INDÚSTRIA CULTURAL E INTERNET

Desde o primeiro protótipo de computador e transmissor de mensagens em rede, até o que conhecemos hoje em dia, muitas transformações político-econômicas e ideológicas ocorreram. Abreu (2012) nos conta que a *internet* surgiu nos Estados Unidos durante a Guerra Fria, em 1957, no bojo dos conflitos e das disputas entre Estados Unidos e União Soviética. Inicialmente ela servia aos interesses militares, mas em 1969 passou a atender as necessidades de universidades americanas, ampliando sua distribuição. Em 1979 já havia o primeiro provedor de serviços comerciais *online* e a partir daí a *internet* foi cada vez mais difundida como ramo comercial e, também, como promotora de entretenimento.

Segundo Lima (2009), a popularização da *internet* ocorreu entre os anos de 1993 e 1996, juntamente com o aumento de sua velocidade através do uso da Banda Larga, popularizada no Brasil ao longo da década de 2000, que levou os computadores e a *internet* para dentro de nossas casas. Atualmente, os *smartphones* – denominação para os chamados telefones inteligentes que acessam *internet* – desempenham esse papel em maior medida. Com o aprimoramento de funções e ferramentas, foi se tornando cada vez mais possível o compartilhamento de informações de forma instantânea, fomentando o surgimento das redes sociais no espaço virtual. Sendo assim, o desenvolvimento tecnológico e a disseminação do uso desses produtos potencializaram o esquema da Indústria Cultural.

O termo “Indústria Cultural” desenvolvido por Adorno e Horkheimer no livro “Dialética do Esclarecimento”, de 1947, mostra sua presença e atualidade quando olhamos para os meios de comunicação de massa nos dias de hoje. Ela pode ser compreendida como uma força que transforma os bens culturais em produtos padronizados para consumo, além disso, alinhada aos interesses capitalistas, manipula a consciência dos sujeitos para que desejem consumir de forma acrítica, de modo que aqueles que não possuem ou não têm acesso a esses bens, acabam sendo marginalizados do todo social. Por isso, a Indústria Cultural é um fenômeno que explica a incorporação da cultura em seus diferentes aspectos, como na educação, na arte, no esporte, no tempo livre, a interesses e procedimentos determinados pelo princípio da acumulação capitalista.

O esquema operacional da Indústria Cultural é criar a ilusão de que a sociedade disponibiliza o acesso às mercadorias pelas pessoas, porém, o que resulta desse processo são gostos e necessidades adaptados aos produtos apresentados e a intensificação da ideologia mediante a difusão dos interesses dos donos do poder. Se a Indústria Cultural se tornou um fenômeno porque se desenvolveu a partir de tecnologias como o cinema, o rádio, a televisão, hoje ela se expande inequivocamente por meio da racionalidade tecnológica presente em aparelhos eletrônicos como computadores e smartphones – aparelhos indispensáveis para que os indivíduos acessem as redes sociais.

Nesse sentido, compreende-se que a Indústria Cultural está ligada a interesses econômicos, políticos e ideológicos que operam no campo da circulação de mercadoria e, também, na esfera de controle de aspectos psicológicos dos indivíduos. Se na época em que Horkheimer e Adorno (1985) realizaram suas análises, ela era representada pelo rádio e pela televisão, na atualidade, talvez possamos dizer que o ícone da Indústria Cultural é a *internet*, visto que esta conseguiu “superar” os produtos anteriores e atingir os indivíduos de forma global. Podemos mesmo afirmar que a *internet*, em sintonia com os interesses da Indústria Cultural, transforma os usuários em massa, na medida que padroniza pensamentos, atitudes e vontades. Por meio dessa “nova racionalidade” – ou talvez uma etapa superior da “racionalidade tecnológica” denunciada por Marcuse (1973) em meados do século passado – toda manifestação que não vá ao encontro de seus interesses é reprimida, criando assim a percepção de que é impossível opor-se a ela. Visto que tanto os homens quanto as coisas se encontram num conformismo social, não existindo direitos ou liberdades, uma vez que a vida tende a se adequar às regras estabelecidas por ela.

Diante dos fatores acima, observamos que o indivíduo não consegue se perceber dentro da miríade de satisfação, controle e dominação, pelo contrário, acredita que ao acessar a “cultura” mediatizada pela Indústria Cultural ele é bem formado e informado, e sabe opinar sobre tudo. Contudo, os frankfurtianos vêm nos advertir que aqueles formados por esses padrões acessam uma espécie de “falsa cultura” e, conseqüentemente, obtêm um tipo de “falsa formação”. A esse processo Adorno (1997) atribuiu o termo “semiformação”, isto é, o indivíduo que interage com os produtos da Indústria Cultural é semiformado porque os conhecimentos e gostos formados são dirigidos para que ele não consiga enxergar as contradições da sociedade, abstendo-se do pensamento crítico. Marcuse (1973), radicado nos Estados Unidos em meados do século XX – país que experimentou um desenvolvimento tecnológico expressivo – e também preocupado com

os desdobramentos do avanço da tecnologia sobre a formação dos indivíduos, identifica nesse processo o surgimento de um tipo de consciência feliz, conceito que procura explicar a satisfação obtida pelas pessoas mediante submissão ao domínio e controle sociais operados pela tecnologia.

Podemos dizer que atualmente a internet é a principal e maior mediadora das relações sociais. Através do uso exponencial das redes sociais, observa-se a aproximação de pessoas que estão em diferentes partes do mundo, contudo, ao mesmo tempo, essas ferramentas têm se revelado correia de transmissão para mensagens e ameaças negativas, em proporção equivalente ou superior àquelas mensagens consideradas inofensivas. Uma forma que essa violência se manifesta ocorre, por exemplo, quando internautas não concordam com algum tipo de declaração ou posicionamento de outras pessoas. Os usuários conseguem se mobilizar muito rapidamente para hostilizar e agredir virtualmente uma pessoa, seja pela forma tradicional, com palavras de baixo calão ou pelos chamados “memes” – uma notícia, informação ou qualquer conteúdo veiculado pela internet que, em geral, se torna motivo de brincadeira, sátira ou piada, e que circula rápida e publicamente para todos poderem acessar – de forma a inserir um tipo de “humor” ao ataque, sem que este deixe de carregar todo o horror de sua verdadeira intenção. Posteriormente, essas manifestações convertem-se em produto da Indústria Cultural que, por meio de redes e sites como o YouTube, se utiliza do que “está em alta” para vender seus conteúdos.

Um exemplo noticiado recentemente teve como protagonista a deputada federal Tábata Amaral que, após apresentar voto de apoio à atual reforma da previdência social no Brasil, recebeu inúmeros ataques nas redes sociais de eleitores que se viram decepcionados com o seu posicionamento. Os “memes” foram utilizados para satirizar as falas da deputada, que se afirmava como de centro-esquerda, e diversos canais do YouTube se aproveitaram do ocorrido para fazerem vídeos tanto noticiando o ocorrido quanto expressando sua opinião favorável ou contrária. Com isso, podemos perceber o quanto os discursos se intensificam online, configurando uma “guerra” de visões antagônicas e polarização de ideias e revelando grande radicalidade de interpretação e de posicionamento. O que inicialmente seria simples exposição de uma preferência política ou pessoal, se torna um embate interminável, demonstrando um empobrecimento do pensamento, uma vez que não se apresenta o interesse de refletir ou ter algum entendimento sobre a questão em debate. Assim vemos que os acontecimentos da vida real se estendem e se eternizam online, tomando proporções gigantescas que possivelmente não existiriam se não fossem pelos novos meios tecnológicos.

Essa situação é um aceno de como a internet, por intermédio das redes sociais, consegue dominar a racionalidade dos indivíduos e induzi-los em direção contrária às capacidades reflexivas e críticas, fazendo com que se manifeste um “espírito” que colabora para que os indivíduos absorvam essas manifestações de ódio como natural e criando uma conduta que tende a não se espantar com a violência, pelo contrário, interagir e até mesmo a desejar. Nesse cenário, cabe lembrar a afirmação de Horkheimer e Adorno (1985, p. 150) de que “na Indústria Cultural, desaparecem tanto a crítica quanto o respeito: a primeira transforma-se na produção mecânica de laudos periciais, o segundo é herdado pelo culto desmemoriado da personalidade”. Além disso, a satisfação obtida não deve exigir esforço de quem se deleita com o entretenimento da interação na rede social; na verdade, a interação virtual, mediada pelo esquema da Indústria Cultural, impede o esforço intelectual antes que os consumidores possam decidir por si próprios, fazendo com que, irrefletidamente, os navegantes se sintam à vontade para, inconsequentemente, realizar manifestações de toda natureza, inclusive aquelas recheadas de ofensas e agressividades.

Sobre esta problemática, o professor José Leon Crochík, em reflexões realizadas ainda no final do século passado, afirma que a resposta para entender esse espírito violento exige compreender a formação da personalidade na relação com as influências da realidade social. Ele diz: “haveria uma espécie de resistência psíquica às alterações sociais que implicassem na emancipação do indivíduo e da cultura de seu estado de minoridade” (CROCHIK, 1990, p. 141). Ou, formulando a questão em outras palavras: se conseguimos nos desenvolver tanto no aspecto tecnológico, por que o aspecto humanizador não acompanhou esse desenvolvimento?

O autor ainda argumenta que, a partir da perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, a história do indivíduo e da cultura estão interligadas com as relações de produção, o que significa dizer que as alterações que ocorrem na sociedade implicam em maior controle da natureza, logo também implicam em transformações na personalidade daqueles que exercem controle e/ou têm a consciência controlada.

CONTROLE POR MEIO DA TECNOLOGIA

Ao olharmos a sociedade como um todo, pensando em suas grandes transformações sociais e políticas, encontramos um fator importante para a compreensão de suas contradições. Crochík (1990), apoiado nos estudos sobre autoridade e família dos frankfurtianos, recorda que um aspecto indispensável para

entendermos a formação de personalidades fragmentadas, com egos caracteristicamente frágeis, consiste no enfraquecimento da família e no declínio da figura do pai enquanto autoridade, marcadamente nos séculos XVIII e XIX. Isso teria impactado na formação do aparelho psíquico – representado psicanaliticamente pelas esferas do Id, do Ego e do Superego – e uma das consequências, a ausência de resistência pelos indivíduos na adesão a ideias e agrupamentos com vieses violentos, como foi o caso da ideologia nazifascista que assombrou a Alemanha com Adolf Hitler na primeira metade do século XX, por exemplo.

Também debatendo a respeito da importância da autoridade da figura do pai na formação da individualidade, a partir de autores que abordam a temática, Souza (2018, p. 455) anota que

a referência à autoridade na primeira infância, representada pela figura do “pai”, é fundamental para a formação de um Eu capaz de enfrentar as contradições presentes nas relações com o outro e com a sociedade. A autoridade do pai possibilita experiências afetivas que podem resultar em satisfação, como também em frustração; por isso, ela não se limita imagem do chefe de família apenas, e sim à representação de uma autoridade que pode levar a criança à renúncia do amor primevo e possibilitar sua inserção na cultura. Por outra via, a impotência dessa autoridade pode representar a ausência de lei e ordem necessárias à organização do “caos imaginário” que perpassa a infância. Uma consequência dessa ausência é que o indivíduo passa a cobrar da sociedade aquilo que deveria ser propiciado por uma pessoa, isto é, as funções atribuídas ao “universo do privado” (família) passam a ser cobradas do “universo do público” (sociedade).

Portanto, se antes a família exercia o papel de mediadora na formação da personalidade dos indivíduos, com o seu enfraquecimento, mas também de outras instituições sociais, como a Igreja, por exemplo, a totalidade social passa a assumir o papel da mediação. E, conforme os ensinamentos dos frankfurtianos, um elemento central que consolidou essa totalidade como autoridade que representa a referência na formação da personalidade, foi a Indústria Cultural, em compasso com a tecnologia, passaram a direcionar a formação do aparelho psíquico dos indivíduos

O que se põe, na sociedade atual, é que o fato de as relações de produção resultarem do avanço da tecnologia no âmbito das forças produtivas, implica que as mudanças no âmbito das forças que produzem a sociedade resultam em transformações na esfera subjetiva, isto é, “a dissolução do ‘pai’ e da família nuclear sob sua autoridade como agentes de socialização fundamental abriu caminho para a sociedade dirigir diretamente o Eu em formação ‘através dos *mass media*,

dos agrupamentos escolares e esportivos, dos bandos de jovem etc” (SOUZA, 2018, p. 460).

Sobre a constituição do aparelho psíquico, Freud (1996) afirma que todos nós, ao nascermos, dispomos de duas pulsões/impulsos diferentes, um deles ligado à agressividade e outro relacionado à busca pelo prazer em detrimento da frustração. Essas pulsões são regidas pelo Id, e cabe ao Ego e Superego mediar até que ponto aqueles desejos podem ou não serem realizados. As duas últimas instâncias são estruturadas pela introdução do indivíduo à cultura que dita as normas morais do convívio em sociedade, porém, se por um lado “renuncia-se” das pulsões para que ocorra a socialização, por outro é impossível contê-las completamente. Eventuais restrições advindas da cultura podem ser absorvidas ou não pelos indivíduos, e a maior ou menor absorção delas é determinante na formação da individualidade. Assim, a parte não reprimida pode se expressar de maneira agressiva e tornar os indivíduos mais suscetíveis a aderirem a ideias e comportamentos irracionais que podem desembocar em barbárie. Cabe problematizar que, se a família encontra-se fragmentada e destituída de sua autoridade, as estruturas da personalidade também podem apresentar uma tendência para se formar de maneira fragmentada e, conseqüentemente, fragilizada. Isso ajudaria a entender a profunda adesão desavisada de parte expressiva das pessoas às redes sociais, que tem a *internet* como uma potente mediadora de sua formação.

Talvez não seja exagero dizer que a internet não apenas potencializou os interesses econômicos da Indústria Cultural, mas que ela mesma assumiu o seu esquema, posto que a adesão às redes sociais se tornou um fenômeno mundial. A partir dos ensinamentos de Freud (2011), não parece difícil perceber que a coletividade da internet faz com que, ao aderir à massa, o indivíduo anule a sua consciência em nome de um tipo de consciência grupal, as quais se diferem muito uma da outra, pois como afirma o autor,

o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento (p.13).

Essa mente grupal está diretamente ligada aos desejos e às intenções da Indústria Cultural, sendo esta, um mecanismo de dominação que reflete os interesses capitalistas, que visam que os sujeitos se conformem e aceitem as condições que lhe são impostas sem contestação. As redes sociais representam uma dessas formas de dominação. Elas refletem nossas relações em sociedade, ou seja, os

discursos de ódio nas redes sociais reverberam a violência da sociedade, a intolerância, o preconceito que de alguma forma são “velados” no mundo real. No entanto, com um fator agravante: visto que não necessariamente precisamos expor nossa verdadeira identidade nas redes, muitos indivíduos se escondem atrás de identificações anônimas para que assim os demais sejam atingidos pelo seu discurso de ódio, mas sem que a vítima ao menos saiba quem é que o violenta.

Sobre o procedimento de identificação com um coletivo e anulação da identidade individual, Freud (2011, p. 29) se apresenta bastante atual ao avaliar que

o indivíduo no interior de uma massa experimenta, por influência dela, uma mudança frequentemente profunda de sua atividade anímica. Sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual claramente diminuída, ambos os processos apontando, não há dúvida, para um nivelamento com os outros indivíduos da massa; resultado que só pode ser atingido pela supressão das inibições instintivas próprias de cada indivíduo e pela renúncia às peculiares configurações de suas tendências.

O fator do anonimato em conjunto com o conteúdo dos ataques nos ajuda entender a face de liberação ou manifestação livre do Id, ou seja, dos impulsos mais primitivos do ser humano. Para Zanolla (2010), essa agressividade faz parte de uma energia libidinal inerente ao ser humano; todos nós como sujeitos “da falta” somos levados por nossos instintos primários a manifestarmos a violência como forma de satisfação imediata. Muitas vezes não é necessário nem ao menos ser o autor do ataque, publicação ou imagem, apenas o fato de curtir, compartilhar ou comentar determinada publicação faz com que emergja no sujeito um sentimento de pertencimento ao grupo, pois, em um mundo cada vez mais individualista e fragmentado, pertencer a algum lugar cria uma sensação de bem-estar no sujeito.

O impulso violento direcionado ao outro remonta à formação fragmentada do ego, como afirma Adorno (1995, p. 112):

sempre que a consciência estiver mutilada, isto se reverte para o corpo e para a esfera somática através de uma estrutura compulsiva, propensa à violência. Basta reparar como em determinado tipo de pessoas incultas, já sua própria linguagem – sobretudo quando reclamam ou protestam contra alguma coisa – torna-se ameaçadora, como se os gestos da fala viessem de uma violência corporal mal controlada.

Aliado a isso, podemos nos voltar ao conceito adorniano de “consciência coisificada”, como uma forma de compreendermos as motivações de indivíduos a se manifestarem dessa maneira. Segundo ele, pessoas que aderem cegamente

às coletividades transformam-se em algo material; sendo suprimidas suas capacidades humanas, passam a se identificar com as coisas e automaticamente a ver outras pessoas como coisas, o que faz com que percam a capacidade de perceber o diferente como humano e, como decorrência, não reconhecem a gravidade das palavras e ações dirigidas aos seus semelhantes.

Crochík (1990) afirma que o avanço tecnológico e as transformações sociais tiram da família a influência na socialização da criança e transfere essa atribuição para meios extrafamiliares. E Marcuse (1973) demonstra como fomos captados pela tecnologia, de forma que esta domina todos os setores de nossa sociedade e de nossa vida:

as aptidões (intelectuais e materiais) da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores do que nunca dantes – o que significa que o alcance da dominação da sociedade sobre o indivíduo é incomensuravelmente maior do que nunca dantes. A nossa sociedade se distingue por conquistar as forças sociais centrifugas mais pela Tecnologia do que pelo Terror, com *dúplice* base numa eficiência esmagadora e um padrão de vida crescente (p. 14).

Percebemos, então, que a tecnologia passou a exercer uma força de dominação muito superior ao terror, pois diferente dele, controla os indivíduos através de “uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática” (MARCUSE, 1973, p. 23). Assim, a tecnologia também se revela promotora de ideologia que pode influenciar diretamente na formação dos sujeitos, o que nos impõe refletir sobre as razões que levam os indivíduos a se sentirem confortáveis em manifestar comportamentos violentos nas redes sociais. Isto é, visto todo o desenvolvimento tecnológico, é importante indagar por que não estamos avançando também nas questões humanizadoras, mas pelo contrário, perpetuando comportamentos e relações que seguem culminando em um estado de barbárie?

Em uma de suas discussões mais fundamentais sobre a racionalidade tecnológica, Marcuse (1967) nos ajuda entender a diferença conceitual e real entre a técnica e a tecnologia. Para autor, o desenvolvimento da primeira foi e é absolutamente desejável e necessário ao desenvolvimento da humanidade, uma vez que a técnica está na base do aperfeiçoamento da indústria, do transporte e da comunicação. Soma-se a isso o fato de trazer benefícios no campo da educação e da saúde, por exemplo, aumentando a expectativa de vida das pessoas. Assim, a técnica deveria se prestar ao serviço de humanizar cada vez mais a humanidade, diminuindo o trabalho excessivo e melhorando a vida em sociedade. De

modo contrário é a racionalidade tecnológica que emerge do avanço das forças produtivas:

a tecnologia, como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era da máquina, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação (MARCUSE, 1999, p. 73).

Na sociedade tecnológica atual, ainda que possível identificar melhoria na vida das pessoas, não parece haver dúvidas de que a técnica se submeteu ao domínio dos interesses mercantis, e uma consequência imediata é que a crítica e resistência que reivindicam a não submissão da técnica àqueles interesses são repreendidas pela disseminação da tecnologia – recebida alegre e irrefletidamente por muitos. Essa complexa relação perpetua a racionalidade tecnológica, ou instrumental, identificada pelos frankfurtianos há mais de meio século atrás para denunciar “um modo difundido de pensamento e até mesmo as diversas formas de pensamento e rebelião. Esta racionalidade estabelece padrões de julgamento e fomenta atitudes que predisõem os homens a aceitar e introjetar os ditames do aparato” (MARCUSE, 1999, p. 77).

Como mencionado anteriormente, a tecnologia, por meio da *internet*, tem se tornado a principal mediadora das relações na atualidade, e como nos aponta Marcuse (1973), a sociedade moderna é totalitária, no sentido de homogeneidade de pensamentos. Nesse sentido, o autor frankfurtiano esclarece que não é correto identificar uma sociedade totalitária apenas em razão de eventual governo autoritário, mas sim,

em virtude do modo pelo qual organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois “totalitária” não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o surgimento de uma oposição eficaz ao todo. Não apenas uma forma específica de Governo ou direção partidária constitui totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição (MARCUSE, 1973, p. 24-25).

Essa característica faz com que os indivíduos aceitem seus princípios e instituições com o objetivo de aumentar a produtividade para a satisfação das necessidades do homem – necessidades não ligadas à subsistência, mas criadas pela Indústria Cultural, fazendo com que desejemos coisas que não precisamos.

E a busca por produtos supérfluos se transforma no cerne da vida dos indivíduos: o desejo em consumir desenfreadamente e se entregar ao pseudoprazer que o acesso às mercadorias da Indústria Cultural parece entregar. A respeito de necessidades forjadas no contexto das sociedades regidas pela tecnologia, Crochík (2008, p. 302) afirma que

elas se transformam historicamente; as existentes no momento são próprias e propícias ao capitalismo dos monopólios; a crítica a elas é crítica a esse sistema de produção e concentração de renda. Nesse sistema, as necessidades são tão alheias aos homens – artificiais e superficiais – que se tornam o oposto de necessidades, e por isso são coerentes com essa sociedade, por essa tornar o homem tão supérfluo quanto as mercadorias produzidas.

Assim, podemos pensar as redes sociais como um produto da Indústria Cultural, mas este, ao contrário dos demais que visam ao lucro explicitamente, parece ser “distribuído” gratuitamente, pois não é cobrado para se criar um perfil, e o que interessa em maior medida é a dominação e o controle da consciência dos indivíduos, submetendo-os a uma falsa sensação de sociabilidade e pertencimento. Portanto nos cabe pensar o que de social elas têm, além da ilusão de sociabilidade? Cada vez mais sozinhos e isolados, porém somando muitos “amigos” online, os indivíduos muitas vezes não se encontram de fato em relação com outras pessoas.

Com isso podemos entender a internet como um instrumento que ao mesmo tempo que serve como forma de entretenimento, lazer e fonte de informações, quando direcionada pelos interesses econômicos do capitalismo se torna um mecanismo de controle da sociedade. Frente a todo o desenvolvimento tecnológico, acreditamos ser importante repetir a problematização frankfurtiana sobre por que não estamos avançando também nas questões humanizadoras, mas pelo contrário, perpetuando comportamentos e relações, por meio das redes sociais e da internet, que seguem culminando em um estado de barbárie?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, entendemos que indivíduo e sociedade são constituintes um do outro, não existe indivíduo sem sociedade e não existe sociedade sem indivíduo. Somos formados a partir de nossas mediações sociais e, sendo a internet a principal mediadora desse processo na atualidade, é necessário ficarmos atentos a suas contradições.

Compreender a violência a partir de uma perspectiva dialética e de totalidade só pode ocorrer se não considerarmos reducionismos sociológicos ou psicológicos, mas nos atermos para os entrelaçamentos de ambas as dimensões: os interesses capitalistas por meio da Indústria Cultural e a formação subjetiva da personalidade do indivíduo. Ter essa percepção pode contribuir para que não nos rendamos tão facilmente a ondas preconceituosas, conservadoras e neofascistas que vem crescendo fortemente no Brasil e no mundo nos últimos tempos.

Percebemos que o grande avanço e desenvolvimento da tecnologia não necessariamente está ligado a uma evolução, mas sim, à dominação tanto dos meios de produção como também a formas de ser, sentir, pensar e viver. Aparentemente, parece improvável superar essa ideologia, visto o poderoso esquema da Indústria Cultural que potencializa a dependência das pessoas às redes sociais, à *internet*. Ela possui tanto poder sobre o indivíduo que na contemporaneidade existem até mesmo doenças causadas pelo vício em estar constantemente conectado, como a “nomofobia” que é um desconforto/angústia causados pelo medo de ficar sem o telefone celular ou computador, ou em um estado *offline*, o que pode desencadear casos ansiosos e depressivos; é como se os *smartphones* se tornassem uma extensão corporal do indivíduo (MELO et al., 2018). Demonstrando que enquanto o lucro estiver preservado, a barbárie *online* pouco importa.

É difícil tentarmos imaginar quais rumos a sociedade irá tomar frente à naturalização da violência e a adesão cada vez mais acentuada de usuários aos meios de comunicação de massa, principalmente à *internet*. Mas percebendo o ritmo que estamos caminhando a previsão não é muito “positiva”, pois quanto mais nos rendemos a esses produtos, mais nos distanciamos das capacidades humanizadoras, emancipadoras e do pensamento crítico. Contudo, ainda que atualmente já se “nasce manipulando um *tablet*”, não podemos deixar de estar atentos às formas de manipulação que encobrem nossa consciência com um fino véu (ADORNO, 1986). Isso significa reconhecer que não podemos desinventar a técnica, o que nos exige reconhecer seus avanços para a humanidade, entretanto, devemos nos manter vigilantes aos exageros e à desumanização que decorrem da tendência poderosa da tecnologia, de domínio e controle sobre o indivíduo.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. C. K. **História e usos da internet**. 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/abreu-karen-historia-e-usos-da-internet.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. *In: Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. **Educação e Sociedade**, São Paulo, vol. 18, n. 58, jul. 1997.
- ADORNO, T. W. Sobre música popular. *In: COHN, G. (org.). Sociologia*. São Paulo: Ática. 1986.
- CROCHIK, J. L. A personalidade narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica. **Psicologia-USP**, São Paulo, 1(2): 141-154, 1990. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771990000200005. Acesso em: 14 set. 2019.
- CROCHÍK, J. L. T. W. Adorno e a psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, vol. 20, n. 2, p. 297-305, jul./dez. 2008.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2011 v. 15.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira*. Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- HORKHEIMER, M. ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LIMA, M. S. Leitura sociológica da relação entre internet e Indústria Cultural. **Cadernos de Capo: Revista de Ciências Sociais**. Araraquara, n. 12, 2009.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- MARCUSE, H. Algumas implicações da tecnologia moderna. *In: MARCUSE, H. Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- MELO, D. G. S. *et al.* Dependência Tecnológica: a doença da contemporaneidade no contexto familiar. **Psicologia.pt**, 2018. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1276.pdf>. Acesso em 02 mar. 2020.
- SOUZA, L. C. (De)formação da individualidade e (in)disposição para a violência: pressupostos subjetivos e objetivos. **Inter-Ação**, Goiânia, vol. 43, n. 2, p. 450-466, maio/ago. 2018.
- ZANOLLA, S. R. S. Educação e barbárie: aspectos culturais da violência na perspectiva da teoria crítica da sociedade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 117-123, jan./jun. 2010.